

SUPLEMENTO 85 CULTURAL DE SANTA CATARINA

NOV./DEZ. 2014 - ISSN 2318-3063

[ô catarina]



EDIÇÃO ESPECIAL
POESIA

Alcides Buss
Anderson Dantas
Antonio Carlos Floriano
Beatriz Tajima
C. Ronald
Cláudio Dutra

Cristiano Moreira
Demétrio Panarotto
Dennis Radünz
Dinovaldo Gilioli
Eduardo Silveira
Fernando José Karl

Heron Moura
Leonor Scliar Cabral
Luiz Alberto Corrêa
Maridilce Gonçalves da Rocha
Marinaldo de Silva e Silva
Patrícia Galelli

Patrícia Hoffmann
Pedro Port
Péricles Prade
Rah Amado
Raquel Stolf
Raul Arruda Filho

Rodrigo de Haro
Rubens da Cunha
Ryana Gabech
Telma Scherer
Valdemir Klamt
Vinícius Alves

Cartas

Ontem recebi a edição 84 do *Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina]* e quero dizer que é sempre uma leitura prazerosa. **(Luiz Horácio, escritor, Porto Alegre / RS)**

Péricles Prade, personalidade poliédrica da poesia brasileira / universal brilhou na edição 84 deste vetor cultural. Multifacetada, sua poesia nos convoca a uma leitura mais dentro, sob os diferentes ângulos dos olhos bovinos do poeta em nossa direção — olhar que estremece os alicerces de pobres mortais. Em páginas de belíssima diagramação, Claudio Willer dissecou um de nossos raros poetas de cultura. **(Eulália M. Radtke, poeta e jornalista, Navegantes / SC)**

O *Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina]*, nas mãos do seu editor-chefe, Marco Vasques, ganhou destaque nos últimos tempos pela ousadia estética e por pautas culturais diversificadas. A regularidade das edições e uma linha editorial clara, atingindo amplo espectro do que é produzido culturalmente em Santa Catarina, deixará saudades com a sua despedida. Assim, cabe aos sucessores o desafio de manterem a qualidade editorial do suplemento e de o inserirem no cotidiano dos catarinenses e brasileiros. **(Jéferson Dantas, historiador, letrista e compositor, Florianópolis / SC)**

Editorial

A presente edição do *Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina]* é inteiramente dedicada à poesia. São trinta vezes que representam um recorte de criadores que estão em atividade no estado. É evidente que toda antologia requer escolhas e é, por sua natureza, de algum modo, excludente. Se dispuséssemos do dobro de páginas, ainda assim não abarcaríamos o todo. Por isso a necessidade de estabelecer critérios nas escolhas. A primeira certeza que tínhamos era a de não incorrer no recorte geracional, postulando a existência de uma nova geração de poesia, porque o essencial é que o poema seja vivo em qualquer época. A poesia desconhece geração; ela não se submete ao tempo cronológico.

Pensamos, também, em, na medida do possível, trazer um pouco da produção espalhada pelos diversos cantos de Santa Catarina. No entanto, o poema também não se submete à geografia. Se não há poética em uma região ou em uma cidade, não há como inventar, como forçar a existência de uma poética em espaços em que ela não exista ou esteja em latência. Na verdade, procuramos, ao máximo, olhar mais para os poemas que para os poetas. Assim, valemos-nos de critérios pela negação e pela afirmação. Figuram neste especial de poesia poetas consagrados, poetas militantes, poetas em formação, enfim, poetas de vários tempos e linguagens.

Afinal, o que é poesia? Se um dia conseguirmos uma resposta universal a esta pergunta, é possível que tenhamos achado a chave para decretar a morte de todos os poetas. Por mais que se possa esmiuçar e teorizar a arte poética, sempre existirá um campo de força da linguagem em que a razão será fraturada, fissurada. No poema “limite ao léu”, Paulo Leminski reúne uma série de definições de poesia, entre elas: “aquilo que se perde na tradução” (Robert Frost); “cernes e medulas” (Ezra Pound); “a fala do infalável” (Goethe); “permanente hesitação entre o som e o sentido” (Paul Valéry); “a religião original da humanidade” (Novalis). Leminski termina a enumeração com a sua própria definição de poesia, que é “a liberdade da minha linguagem”.

É a linguagem liberta de Alcides Buss, Anderson Dantas, Antonio Carlos Floriano, Beatriz Tajima, C. Ronald, Cláudio Dutra, Cristiano Moreira, Demétrio Panarotto, Dennis Radünz, Dinovaldo Gilioli, Eduardo Silveira, Fernando José Karl, Heron Moura, Leonor Scliar Cabral, Luiz Alberto Corrêa, Maridilce Gonçalves da Rocha, Marinaldo de Silva e Silva, Patrícia Galelli, Patrícia Hoffmann, Pedro Port, Péricles Prade, Rah Amado, Raquel Stolf, Raul Arruda Filho, Rodrigo de Haro, Rubens da Cunha, Ryana Gabech, Telma Scherer, Valdemir Klamt e Vinícius Alves que oferecemos aos leitores.

EXPEDIENTE

Governador do Estado de Santa Catarina / João Raimundo Colombo
Vice-governador / Eduardo Pinho Moreira
Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte / Filipe Mello
Presidente / Maria Teresinha Debatin
Diretora de Difusão Artística / Mary Garcia
Diretor de Patrimônio Cultural / Vanderlei Sartori
Diretor de Administração / Cléber Ferreira
Consultor Jurídico / Rodrigo Goeldner Capella
Consultor de Projetos Especiais / Marco Anselmo Vasques
Assistente da Presidência / Mônica Silva Prim
Assessora de Comunicação / Marilene Rodrigues Correia
Gerente Operacional / Saulo Silva
Gerente de Administração, Finanças e Contabilidade / Aline Monique Bourdot de Souza
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Projetos / Ivan Carlos Schmidt Filho
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Marketing / Soraya Fóes Bianchini
Gerente de Patrimônio Cultural / Halley Filipouski
Gerente de Pesquisa e Tombamento / Marta Koerich
Gerente das Oficinas de Arte / Fabricio Matije Gwosdz
Administradora do Museu de Arte de Santa Catarina / Lygia Helena Roussenq Neves
Administradora do Museu da Imagem e do Som / Cristiane Pedrini Ugolini
Administradora do Museu Histórico de Santa Catarina / Vanessa Borovsky
Administrador da Casa dos Açores Museu Etnográfico / André Augusto Crema
Administração do Museu Nacional do Mar / Fundação Catarinense de Cultura
Administradora da Casa de Campo do Governador Hercílio Luz / Marilóide da Silva
Administrador do Teatro Álvaro de Carvalho / Osni Cristóvão
Administradora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina / Patrícia Karla Firmino
Administradora do Centro Integrado de Cultura / Gigliola Araújo Siqueira da Costa
Administradora da Escolinha de Arte / Alessandra Ghisi Zapelini
Responsável pela Casa da Alfândega / Edilamar Silvano Silveira
Secretário Executivo do Conselho Estadual de Cultura / Pedro Donadelli

SUPLEMENTO CULTURAL DE SANTA CATARINA - 85 - [Ô CATARINA]

Novembro / Dezembro de 2014

Editor / Marco Vasques

Assistente Editorial / Denize Gonzaga

Assessora Técnica / Mariana Limaco

Conselho Editorial / Chico Faganello, Demétrio Panarotto, Marco Vasques, Marina Borck, Níni Beltrame, Péricles Prade, Rubens da Cunha, Sandra Meyer

Colaboradores desta edição / Alcides Buss, Anderson Dantas, Antonio Carlos Floriano, Beatriz Tajima, C. Ronald, Cláudio Dutra, Cristiano Moreira, Demétrio Panarotto, Dennis Radünz, Dinovaldo Gilioli, Eduardo Silveira, Fernando José Karl, Heron Moura, Leonor Scliar Cabral, Luiz Alberto Corrêa, Maridilce Gonçalves da Rocha, Marinaldo de Silva e Silva, Patrícia Galelli, Patrícia Hoffmann, Pedro Port, Péricles Prade, Rah Amado, Raquel Stolf, Raul Arruda Filho, Rodrigo de Haro, Rubens da Cunha, Ryana Gabech, Telma Scherer, Valdemir Klamt, Vinícius Alves

Capa / Sebastião Branco

Revisoras / Denize Gonzaga e Manuela de Medeiros

Designer Gráfico / Moisés Lavagnoli

Impressão / Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc)

Tiragem / 6 mil exemplares

Entre em contato:

Fundação Catarinense de Cultura

Av. Governador Irineu Bornhausen, 5600.

Agrônoma - CEP: 88025-202

Florianópolis - Santa Catarina

E-mail / suplementocultural@fcc.sc.gov.br

Fone / (48) 3664-2585

Site / www.fcc.sc.gov.br/ocatarina

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores.



FLORIANÓPOLIS

Desterro dos poetas
ou cidade de Floriano,
qual se abre — rosa
inacabada — à memória
do vento nas palavras?

Desperto nos teus ossos
mal começa o dia
e já não sei se dói
a falta do que havia
ou, agora, o que é demais.

Nos umbrais do tempo
sobrepõe-se, à calmaria
de antes, a ventania
que ergue paredes
e maltrata o céu.

Da velha cidade
os cristais da vida
ressurgem na páginas
dos livros — pétalas
que brilham ainda.

Na província moderna
— nuvens de espinhos —,
o vento arremessa
as pétalas: lágrimas
que o sol ajunta.

BICITÁXI EM HAVANA

Em Havana, reencontrei
meu triciclo da infância.
Multiplicado, levava pessoas,
a sós ou em pares.
No pedal, a força jovem
de brancos e negros.

A expressão de todos
mostrava um quê de leveza
ou quase alegria.

Ali, lavrei meu juízo:
a vida, em idas e vindas,
regula o que fazemos.
E regula o que pensamos
do que é feito.

Meu triciclo voltou
pra levar-me em Havana.
Sou um pedaço feliz
de tudo — desse tudo
que me divide!

ALMAS PENADAS

Que tributos cabe à alma
pagar pelo que é desfeito
de seu estar no corpo
e do corpo em seu acabar-se?

Não lhe basta sofrer, penar
pelo mal imposto
ao seu existir de pássaro,
de pássaro torto, às vezes,
de pássaro pasmo
ao apressar-se do mundo?

Se lhe arrancam a voz,
se lhe turvam o sentido,
se lhe dão de beber
o esgoto, será ainda capaz
de urdir o caminho do amor?

A minha alma, a tua alma,
a pena que pagam
será o elo do fim
que negamos?

Andarão suas asas no céu,
nas unhas da noite, no miado
dos gatos insanos?

OS LIVROS DE QUE VIVO

Que livros se dão,
sem que os busque,
à sorte de tê-los?

Serão aqueles perdidos
no antigo tropeço?

Acaso, estiveram comigo
no dia distante
em que não fui o que era?

Deixaram-se, então, morrer
pra cruzar a noite
até o abrir-se desta hora?

Serão meus ou apenas
deixarão que adentre sua alma
revestida de sons?

Partirão comigo no exílio
da dor ou, devotos
de algum deus só seu,
buscarão conforto em asas
de um querer anônimo?

Se, de perguntar, silenciam,
direi aos ouvidos mais íntimos
que os quero pra sempre,
até o último sentido.

71. REVELAÇÃO

Cravo e maciez
num pentagrama invertido.

Às vezes a chuva
vinha-nos
como uma mortalha
de ato antes

Uma escada decaída
tisma e tremor
de uns humores místicos

O mago
fez explodir suas gemas
vermelhas na tarde tensa

terra molhada.

O mendigo abraçou-se
à raiz das cruas virilhas
da noite
veio-nos mostrar a sede mordida
no promontório prometido

Veio-nos febre e langor
os cabelos cobertos pela peste
tigres lince e um galope
de manadas

Terra sem elevação.

Isso só pode ser o fim do mundo avançando
Reunidos no círculo onde Redon pincela
Sulcados de um *sentido heurístico*

Sim, um anjo agitou as águas.

78. A CANÇÃO FINAL

Do que se esconde
com sua mudez antiga?

Uma cruz de fogo
apaga-se nos lábios.

Rio nu dor das horas
a aranha estende veneno

Os pescadores não cantam mais
e o ancião me devora de chumbo

O brancor das nuvens mortas
vomita seus céus na cal da escrita

Uma flecha raiada
acende seu sangue na fundura

E em minhas mãos tenho apenas escolhos.

55. EPIFANIA

Satã,
fura com teus cornos
os álveos escuros.

Irigaremos as pétalas
com espumas
de nojo

O olvido queimará
de marrom
os estames gelados

Um enxame negro
brotando das mãos
de Belzebu

Manhã amarela
devorada de matilhas
na orla do ocaso

Solitárias cinzas
desprendem-se da casa
a boca cala de pedra

Satã,
fura com teus cornos
os álveos escuros.

54. VAZIO

A árvore se inclina para receber
O beijo de *gaya*

O grilo se inspira para acender
o canto da noite

A aranha se estende para fiar
o tear da morte

A água se desespera para lavar
o cheiro da carne

A folha se abandona para dançar
o *ballet* do vento

De que me valem estes velhos versos
a vaziez de tumba nos cabelos inertes?

Se não estás aqui, meu anjo, minha dor?

minha mariposa sem cais, meu luzeiro.

EMBAIXO DOS TRAPICHES NAS MARGENS
DO RIO ITAJAÍ-AÇU

quantos passos eu teria contado até chegar ao cargueiro panamenho
quantas linhas de solda seria preciso para juntar a pele de seu dorso
a ilusão de sua respiração pausada na casa de máquinas seus andares
de tubos até a direção de tudo sua madre do leme

de longe ainda debaixo dos trapiches onde os velhos jogavam seus
puçás e urinavam na sombra azinavrada eu temia o corpulento
navio panamenho e sua hélice de garra cortante temia que as
amarras pudessem estourar e nada o deter de sua força feito um
gordo bêbado caindo sobre as mesas do bar verão vermelho

ele estava ali parado e era dia e eu podia correr e fugir de sua fuga
estava ali preso nos cabeços do cais enterrado de barriga no lodo
desta cidade

esse terror da figura negra do navio e suas sombras dançantes na
água de sua cor na noite de pequenas luzes contra os contornos da
igreja de navegantes das carteiras de cigarros camel jogadas do
bordo pelos marinheiros noruegueses dos trilhos dos guindastes e da
vida subterrânea da estiva e dos consertadores

esses eram os passos medidos até eu chegar perto do cargueiro
panamenho ter coragem de passar a mão no seu costado e sentir
suas cicatrizes de soldas um animal submergível na água uma cidade
marinha flutuante de perto tanto medo pendurado de bandeiras
como um continente uma ilha que de longe me pareceu tão linda
subindo as margens do Itajaí-açu

EMBARCADOS

Como se aprisiona um rio para si
Não há moirões na água
Arame para circular uma cidade

Apenas um poço de nuvens
Engolidos nos mergulhos
Nas voltas infundáveis da geografia

Onde encontrar o calor dos outonos
As sombras desvanecidas
A pouca cor dos trapiches adernados

Como amarrar um navio fosse um bicho
Segurá-lo na corrente contra o terral
Se a noite se esconde na luz do farol

Se a noite sussurra nas tralhas das redes
A solidão dos beliches sem ar
Da tinta envenenada manchada de mar

Que se tome um banho de água doce
Para prender o rio sob a pele do rosto
Se tirar das mãos as escamas das unhas

Para se prender o rio na memória do poema
Feito um navio na geografia da cidade
É preciso inventar um mapa no coração

POEMA INACABADO PARA MARIA DE ROCIO

Poderia ter amado Maria do Rocio
Durante aquela hora em que ficamos nus
A teria amado enquanto se despia
E seus pelos mais íntimos
Se avermelhavam
Na luz do verão do nosso quarto
Fiquei com medo de Maria do Rocio
De seus dentes abertos de mulher mentirosa
Da paixão incendiária
Que por ela sentia
Fogo devorando o carbono
Para se revelar a cor
Dos cabelos rúbios
dos olhos azuis
A pele branca da mulher de 24 anos
A voz que sopra meu ouvido até hoje
A paixão dos beijos mais ferozes
Do gozo mais livre
Naquele corpo que a luz
Permitia olhar
Poderia ter amado Maria do Rocio
Andado pela Praça dos Leões de mãos dadas
Com ela pedia
Sendo mais que um menino para ela
Um mês ela se foi e eu não sei para onde
Nunca mais nada soube
Sobre o paradeiro de Maria do Rocio
Nunca mais o riso e os dentes separados
A luz de sua nudez em meu sótão
Foi bom ter esquecido aquele corpo
Foi bom nunca mais ter visto seus olhos
E seus cabelos e seu rosto e os pelos de seu braço
Seria desespero encontrá-la agora
Num site de buscas
Num sala de bate-papo
Tão distantes daqueles dias sem fim
Do pouco dinheiro e muita esperança
Da paixão sem medidas que eu sentia
Por ela
E que ela sentia por mim
Talvez sem ter me dado conta
Tenhamos mesmo nos amado
Naquela hora em que ficamos nus
E nos abraçamos em pé e nos beijamos
Antes do amor

Cidade

Olhe através das janelas os edifícios
 Estamos presos no trânsito
 Cidade
 Seguindo com o fluxo
 Ideias novas e atrasadas
 Com o tempo e contra o tempo
 O relógio continua batendo no peito
 As luzes dos automóveis cinzas
 São olhos nos caminhos de asfalto
 Misturados com os semáforos
 Olhos de gatos e pedintes se misturam
 Dançam com a canção
 Polifonia
 Urbana
 Estagnamos em ruas distintas
 Para pensar e sentir a garoa fina
 Encontramos tudo no centro
 E de tudo nas esquinas
 Garotos e Garotas na vitrine
 Puro comércio e antropofagia
 Almas esquecidas dormem
 Nas guias metropolitanas
 Mendigam atenção e moedas
 Para saciar seus vícios
 Cidade
 As ruas são veias
 E os caminhos que sigo ao voltar
 São aqueles que me levam
 Ao seu encontro
 Contorno todo o caos marginal
 E o trânsito para desenhar nos teus lábios
 Uma curva
 Cidade
 Frio tropical
 Não foi igual nesta estação
 Há tantas outras que se foram e se vão
 Sentir nos corpos
 Tanto calor no inverno
 Frio tropical não é normal
 Ao pintar o retrato de um Paraíso
 Num lugar chamado Brasil
 Os tempos mudaram e as verdades também.

Guarda-chuva

Guarda-chuva virtual
 Hipnotize meus olhos vagos
 Com um banho de sangue sagrado
 Informação duvidosa
 Computador
 Televisão

Diário,

Quero a minha dose de violência
 E ilusão sem gelo por favor
 Estamos servidos e não
 Sentimos
 Mais os tiros que atravessam
 Não ouço
 Mais os gritos de socorro
 Muito menos os soluços das ruas
 Não vejo a faca
 Cortando a carne
 Fui pego de surpresa
 Na multidão urbana
 O furto e o estupro
 Não sinto
 O laço
 No meu pescoço inchado
 Podridão e rotinas
 Estatística
 Verme, sirva-se.
 Esta é a sua nova casa
 Banquete sem convites
 Uma festa
 Por minha conta
 Consuma-me
 A arma em minha boca
 Está quente
 A arma em minha boca
 Oxidou
 Ferrugem
 Palavras incertezas
 Palavras ácidas
 Só ferem... Só foram... São engrenagens soltas
 Parafusos a menos na cabeça

No fim não somos de aço
 O cansaço nos alcança
 Feito um abraço de palavras injustas
 Eu queria mais tempo...

Chuva ácida
 Queime de uma vez
 Guarda-chuva inútil

Ignorância (in)feliz
 Tudo se transforma mais tarde e agora
 Chuva de canivetes
 Ponte agudos
 Estão gravados no corpo e na memória
 Ela foi encontrada morta na calçada.

Adormecendo com os olhos abertos

Em todos os quartos do hospício
 Não se deve dançar tão perto
 Dos parapeitos dos edifícios

A beira de si
 No precipício
 Mais um passo
 Quase o último
 Ainda assim
 Seguros
 ?

A boca do poço
 A queda livre
 Chega ao fundo
 E ao fim das dores e pesadelos
 Por um momento incerto
 Respirava vertigens e solidões no deserto
 Feito medo e imaginação.

Pensamentos disfarçados com qualquer conversa
 Rotineira e trivial
 Foram apenas sonhos perdidos ou escondidos dentro do peito?

Abre a janela para ver
 As estrelas brancas e vermelhas dançarem
 Na escuridão distante do chão
 Não há espaço para as estrelas
 Nas noites claras da cidade
 Para sonhar ao entardecer dos longos dias
 Fechamos as persianas e pestanas de nossas janelas
 Desenhamos uma pintura com tons de outono
 Junto as folhas e o vento que assobia lá fora
 Os ventos e saudades
 Que atravessam os anos, os mares e as frestas da porta
 São os lugares e os esboços de nossos pais e amigos de infância
 Antiga canção do mar
 Fotografias e bilhetes que guardei
 Por amor.

FORAM ROSAS

Lembrando Shakespeare

SEM SABER O ENDEREÇO

*Deus foi uma parte do que tivemos,
final sem gritos comoventes,
visão mudando sempre quando é noite
e o longínquo ser nesse acaso
está dentro da forma e
não nos leva pelo sopro.
Mesmo para nós a função de
cair é meio para tudo que tivemos.
O impossível se apaga,
ávidos cuidados saem do silêncio,
destroem o detalhe exato
do bebê perfeito. Grito da mãe
e ele calado no berço
sem saber seu endereço.*

ENIGMA

*Sou eu dentro do corpo, mas quem afinal
divide o resto que sou?
O frio exemplar como sempre
nos sentimentos, fora ou dentro
da matéria desigual. Penso
num acidente relaxado.
há um peso puxando a alma
da alma. Também a palavra
distráida no papel onde um farol
gira e há instantes que descamam-se
pela claridade, fiat rápido em nosso
sono, a inversão mal vestida ou apenas
interstício entre o que pensamos
de nós mesmos e o que
pensamos de nós nos outros.*

*Que rosa gira em suas pétalas agora?
Somos parte dela ou do infinito que cede
uma linha comprida que a vista não mede?
Nós simplesmente a vemos a murchar por fora.*

*Uma armação incrível de anos descobertos
em horários impuros onde almas contestam
o cheiro apodrecido que todos detestam.
Rosas foram e foram os colibris espertos.*

*Mexem nas outras flores para que o ar conduza
a condição de extremos que ainda nos propomos.
Sentem o mundo por dentro? e quem por fora o usa?*

*Sábio é o que de si mesmo sem
conhecimento algum daquilo que já fomos:
lápides com rosas e mortos indo além.*

ELA

*Ela, outrora da intimidade,
um golpe na cor angustiada da miséria,
uma ponte de ferro tremendo.
Minhas unhas no enigma é mais
que sombra, deserto de água a
cair no arrependimento, o sol tarda
pelo escrúpulo de Deus nessa ausência.*

*Meus dedos quiseram um país,
nunca alguém batendo em nosso
sonho; nenhum copo cheio de emendas,
chuva no hábito de uma escolha.
Meu país mantido às avessas,
música sem luz.
É só tomar cuidado para não ser
o que ela desejaria ser: Senhora
que nem pergunta se o mundo é puro.*

a fome do fonema

o cerne do dente
na carne da fruta.

na fúria dos ratos
a fome dos monstros.

o anátema, o aziago
fazem medo,

mas não
dá tempo
de temê-los.

nas fendas da noite,
problemas insones.

uma dança, talvez

pois sim, faça-se
o favor: sirva-se!

sinta-se assim, em si,
como se soubesse que
se isso não fosse
pura música,
então
não!

e não se faça
má ideia
da textura rugosa,
do rasgo na melodia,
que essa dança insinua.

poissim, são notas que se
arrepiam
em arpejos inevitáveis,

e que lampejam lâminas quentes
sob os pés, fáceis de enfeitiçar.

apenas retire-se das notas a razão,
pois daí, e somente então, é que sim!

subcutâneo

debaixo da pele
o bicho rressona

seu olho insaciável
auscultando o escuro

num movimento sutil
aciona os seus medos
trazendo à superfície
centenas de subsignos
com que supõe mitigar
suas fomes insondáveis
entre os fundos desvãos
da sua natureza de ser

pois é ali, debaixo da
pele, que o inominável
ressona, ou se espera que

e os seus sentidos retesos
já nem imaginam os sonhos
que
jamais
lhes
virão

terça-feira

a água faz
um caminho
de aranhas

sobre a pele
ainda quente.

solilóquio quase inútil

dá para remediar as dores
das palavras feridas?

ou, como é que se faz
para amarrar as sílabas
na boca do vento?

dá pra trazer o vocábulo preso
entre pernas e vírgulas,
e soltar o seu grito aéreo

no lugar comum, onde
as febres mais sutis
se tornam tenazes,
atrozes, onde não há,

nunca houve, como saber

praonde é que voam
os verbos que
que a boca
despreza?

ou dá?

elza e a corvina

ela gostava mais das escamas da corvina
a consistência da matéria oferecia um espetáculo
quando descolada da pele do peixe em um ictiosalto
contra a luz e os olhos dela acompanhando
as escamas voando enquanto a peixeira
na mão da mãe lançava feito tear
desfazendo o manto de lâminas iluminadas
pensava que as escamas da corvina voando depois
de assaltadas pela lâmina da faca são tão belas como bolhas de sabão

para elza as escamas voando faziam escalas na imaginação
substituíam as bolhas de sabão em sua evolução antes do chão
sentada ela e os gatos sob a chuva branca
quando os pés da mãe levavam as pernas embora
com o peixe em postas na panela
ela pensava que o chão tinha uma espécie
de granizo que saltava do fundo do mar
e não caído do céu como aqueles que derretiam
depois da chuva do outono.

Uma mulher só, lânguida

ela não esperava uma virada assim no tempo
o vento não exigia a espera de alguém
a porta da casa aberta vê o homem chegar
— porta não fala às vezes range, mas nem isso
ela pronta para o concerto, rádio ligado
ela peixe já sem escamas em pele e pelos

lâmina de carne consertada sobre a cama
quem passava na rua para ver os barcos
diminuía o passo não para ver as dalias
tão bem cuidadas água toda manhã
não naquela manhã surpresa com vento

os pescados deixados na pia lutaram olhares
arrepriaram escamas e abriram guelras
da mesma cor que havia, agora, no canto
esquerdo dos lábios da mulher e prova de
contraste tão belo sua pele e as dalias

colhidas no mesmo cedo ouvindo rádio
não esperava tal levante no coração
assim como um lance grande de tainha
tremeu as carnes e cedeu sem ouvir
no vento o ruído do motor do bote

agora duas solidões e um corpo morto
as moscas já eram muitas sobre
os peixes na vaza, olhos e guelras
as mesmas dalias fora do vaso
misturado às vísceras sobre o lençol

gestor de geladeiras ou o ator genial

para não dizer que nunca lhe dediquei um
poema
(a um certo gestor de cultura)

esse olhar de peixe morto
garante às moscas morada
de casa grande sem salas

casa de insetos do cu azul
sem outra opção de voo
moscas comeram sem alas

os olhos gordos do peixinho
recheados com bilisbitter
bisbilhoteira boca de bilhar

esse olhar de entorta trilhos
só engana as ideias peso mosca
faz de conta sem ter o que contar

já não há olhos no globo ocular
rosto perdido nos buracos do crânio
o mesmo que pensava ser um gênio

servindo apenas para a mosca cagar

a Lacônia é aqui
se os espartanos
não decifram
quem decifrará os
códigos linguísticos que pululam no ar?

andantes que se
distraem
assagio artificiale

quem via a via sabia
que não se movia

moovie moovie
queima de sotaques

um tic nervoso
incontáveis

um grunhido pra cá
outro pra lá
linguagem

um bocejo que
suspende o verso

o animal civilizado
vive morre a idade
média das luzes

e os vândalos seguem
escrevendo poesia no cu da polícia

a granja de loucos
está no meio da cidade
disfarçada de museu

[praça ao lado]

mármore toscano
azulejos portugueses
porcelana de Macau
quadros nas paredes
capacho na porta de entrada
por favor
alguém cutuca o animal que logo sou e
que habita este condomínio
carma corpo curva.

ela assumiu que não sabia nada sobre poesia e culinária

ele desatou a
falar sobre os
pistaches as
amêndoas os
damascos as
ervas de Provance

Cabral Borges Dante poesia provençal

quando o
sono disse tu
e pegou-a pela mão
o vinho já
escorria pelo
canto da
boca

uma instalação
garrafas vazias
taças de estanho
postas de congrio rosa
temperadas com sal ervas finas e raspas de limão siciliano
mexidas sobre a
mesa de
frente para um
televisor velho

imagem em projeção

o
programa de TV cobria
com uma voz que gaguejava muito mas muito mas muito mesmo a
chegada do
homem a terra em que os
poemas eram canções prosas e
ramos de tomilho.

HISTÓRIA DE ÁGUA

com patricia galelli na finis terrae de itá

os textos-fonte¹ nos deserdam
as suas grafias sobre a argila
na espécie funda dos paludes
e suas profundas superfícies

como o incêndio que restasse
no frio do chão do fim da terra
a entranha escrita se fecunda
pelos espermas de uma terma:

no insalubre das barragens
ou nas cisternas submersas
os ossos cessos umedecem
os sedimentos da nascença

mas

1

conheci o fogo de santelmo – lume vivo –
numa página do índico, 18, canto quinto

SE UM DIRETOR-EXECUTIVO DO MERCADO DE FUTUROS

aos espelhos populosos
dei família

de entre úmeros e rádios
e umidades relativas
levantei-me

fiz de argila
um mercado de futuros
fiz polícias

mas caralho!
dor da luz nenhuma me lateja
(não consigo)

dei tumultos:
outra bala de borracha
no meu filho

INQUILINOS

essas roupas estiradas na tormenta
sobreparam a superfície onde o piso
se ressentido do recinto em desalinho

e desvigam e desvidram desarvoram
e assentam sobre áreas sem serviço
deserções (uma desapareção que fica)

e os ossosos adensados dos amores erodidos
no organismo (os despedidos de hospedeira)
em carga bruta ou sobreveste que desventra

e a morada, muda a muda, desmorona
sua falta silhueta na hipótese do espaço
(onde as arribações do espaço passam)

MUSEU-MUNDO

eles não salgaram
a carne da cadela laika
e não restauraram
um dos olhos de gagarin
eles não conservaram
o pé original de armstrong
: eles não se salvaram
os animais que humanaram a Terra

colecionamos águas | a substância sonial da água
| as carnações das nuvens | as saliências líquidas
| nascemos fora da membrana e além da enclítica
| somos vindos do infraleve e livres de ovulação |
acumulamos dados sobre as transições de estados
e as medições de lúmen e o que volver ao mundo |
somos levas de → extravivos adiante e talvez não

mas colheremos no subsolo
o insumo do que sobrou do sapiens
e esses resíduos terão reserva
nas umidades do museu do homem:
o dedo de galileu
o cérebro de einstein
o último exemplar
de ética a nicômaco

1
para Vitor Ramil

gatos não são pardais
pardais não são cobras
cobras não são abóboras
abóboras não são frutos
frutos não são absolutos
absolutos não são todos
todos não são nada

ah ínfima infinita palavra!

2
outono
é tarde
despet
alando
árvore

3
o morto quase vivo
calculava os prejuízos:
amassou o capô e as portas
quebrou as lanternas
e acabou com a lateral

o morto não tinha seguro
contra a morte.

4
enfileirei-os um-a-um
como se fosse um exército

quando estavam em posição
fechei o livro com prazer

ao saber que todos
que devoraram a obra-prima
seriam devorados por ela

São isto, afinal, as mágoas:
águas que
não passam.

represadas
dentro dos olhos
são fundas, sempre fundas
as mágoas
e guardam alto
potencial de energia

uma mágoa
bem guardada
poderia iluminar nova iorque
por todo um dia

Menstruam as borboletas?
morrer é sempre ao vivo ou algumas mortes são gravadas
e posteriormente dubladas???
quantas melancias uma girafa carentíssima por atenção pode sustentar em seu pescoço???
morrem os peixes de velho um dia
ou zanzam ao léu no mar até que um dia alguém os pesquem
posso ou não posso amarrar meu bode onde bem quiser
é ou não é verdade que se eu me masturbar a noite inteira
acordarei virado
no próprio
doctor
sigmund
fufffru
freud?
???

De repente é sábado de novo
e mais uma vez entre as traves me sinto obrigado a pegar todos os coices sem dar rebote
o coração virado em bichos
uma casa revirada por ladrões que nada roubam
e intrigam a polícia do acaso
novamente é sábado de noite
e deixo algo importante
por debaixo das pernas passar.
as coisas por dizer, pobrezinhas,
se deprimem e se jogam
uma a uma
da ponta da língua
as coisas por dizer
que a torcida tanto ensaiou
viram vaias
e os aplausos virados pelo avesso
se tornam tapas atirados para dentro do campo
enquanto lá vem o atacante cocô
ele que nada fez durante o jogo todo vem a galope
para enfiar a bola na rede
pra me enfiar no inferno me empalar na trave
me afundar nas trevas do estádio pós-jogo
me entochar um microfone pela garganta
e então pelo cu falarei que mais uma vez não conseguimos
o resultado esperado para o sábado
e que lamento por mais uma noite de fogos e cantos em vão.

Quanto tempo falta
para eu não esperar mais nada?

quantos dias faltam para chegar o
quando-der-a-gente-se-vê?

quem é que sabe
de todos esses quem-sabes
que a gente lança todo dia?

quem paga a conta
por todas as vezes
em que apostamos no acaso
e perdemos?

e as coisas que deixamos pra lá
quem é que,
lá,
as junta e organiza?

como em lixões,
existem gentes que passam os dias lá
a revirar o que deixamos
em busca de pequenos tesouros?

quantas palavras a gente tem que dizer até que os outros enfim compreendam
que naquele momento
não estamos a fim de falar?

quanto tempo falta
para eu não esperar mais nada?

**NO MAIS ÍNTIMO DO PALÁCIO ELÍSIO DE KUBLAI KHAN
(O velho cântaro)**

Quer eu descreva o velho cântaro no palácio elísio de Kublai Khan,
ou a luxuriante Viena de 1900,
ou, entre duas árvores de uma rua em Istambul,
o encontro fortuito com a mais bela mulher do mundo.
Quer eu descreva um banho nas termas de Caracalla,
ou, na tarde de ontem, a sala de estar de um sobrado,
ou aquele jarro de gencianas perto da janela envidraçada.
Quer eu descreva isto ou aquilo,
minha imaginação nunca deve esquecer de tomar posse,
por meio da curiosidade e do amor,
de qualquer um dos fatos acima descritos.
Quando tento recordar algo, não posso recordar de tudo,
porque eu ficaria soterrado.
Procuo resgatar apenas “uma” coisa e faço isso com exatidão.
Deixo que essa coisa seja meu grão de cristal,
assim que adquiero o controle sobre ela,
observo o que surge daí.

**O SICÔMORO
(Vigília)**

Eu penso que, durante o sonho, um sicômoro
passa as horas na parte interna do meu crânio,
enquanto um sicômoro real, ali no pomar, está fora de mim,
exatamente como no estado de vigília.

Na verdade, o que tomo como o único sicômoro real
deveria ser chamado de sicômoro no estado de vigília.
Se eu não consigo saltar sobre este sicômoro no estado de vigília,
se eu não consigo saltar do terraço

e voar com o peixe de fogo em minha mão esquerda,
ou se não consigo ser a tempestade que verga as árvores no bosque,
ou andar sob o mar sem me molhar,

talvez eu deva acordar, não do sonho, mas da vigília.
Daí eu descobriria, para meu assombro,
que também o sicômoro real estava na parte interna do meu crânio.

O CHAPÉU PANAMÁ DE HEMINGWAY

Enquanto dirige pelas ruas antigas de Havana o Daimler “Steel Wheeler” (1889 – 2 cylinders; 1,5 HP),
Hemingway, com a garganta alagada a rum,
nem percebe que a sombra do seu chapéu panamá
corre do lado de fora do Daimler “Steel Wheeler”
(1889 – 2 cylinders; 1,5 HP).

ALCACHOFRA

Me cubro com o vigor velado de algumas palavras
colhidas ao acaso no dicionário:
grúmulo, silvestre, redemoinhante, fruto, alcachofra, haste, vento,
e, porque não recuso o mistério da palavra,

mistério que é con-dicção das coisas,
grafo na árida página o texto que segue:
o grúmulo redemoinhante é fruto da alcachofra silvestre
que, amadurecido, separa-se da haste e é arrastado pelo vento.

Se as palavras acima, colhidas ao acaso no dicionário,
eu aprisionar nas tarrafas da análise
e nas armadilhas das definições unívocas,

elas se esvanecem em fumaça.
Toda palavra surge da quietude de um sono profundo:
sem as palavras o pensamento some no escuro.

O SENHOR BUDDHA NO MEIO DOS GROUS

Circundado pelo alto capinzal,
o senhor Buddha espera por ti no meio dos groues:
a brancura da pele do senhor Buddha
é de uma luz nunca vista neste mundo nem no outro.
O senhor Buddha sabe que tudo perece,
por isso a flauta de madeira do senhor Buddha
pacífica os cabelos de água do peixe.
O senhor Buddha pode ser lavanda, tucum, bangalô,
pode ser o vento que esfria as venezianas,
pode ser o bosque que recolhe a chuva nos covos,
pode ser o verão por dentro dos ossos do homem sombrio.
O senhor Buddha, o que ele mais deseja em seu coração de ouro,
é ser *un viejo dios silvestre en la penumbra del acueducto*,
ou ser a Graia, mencionada por Apolodoro, na *Biblioteca (II, iv, 2)*,
a Graia de belo rosto: grisalha desde seu nascimento.

1.

Eu coletava sementes vermelhas
 Para meu irmão fabricar
 chocalhos
 No carnaval.
 Pequenos sóis silenciosos
 Achatados nas pontas
 Que eu colocava
 Nos bolsos.

Eu coletava do chão
 Um ruído sem palavras
 De gonzos e de guizos,
 A história sendo escrita
 Não com sangue,
 Mas com o vermelho
 Dessas sementes.

2.

Sem a luz glamorosa
 De uma varanda,
 Acima do caminho de fungos,
 Vou construir uma casa
 Feita de ossos,
 Não mais que ossos.

Quando abro a janela da casa
 A ossatura solta um grunhido
 Exposto à luz, aberto,
 E não esse gemido seco
 E oculto do concreto.

Um puro feixe de ossos
 É arquitetura frágil,
 Mas se não arrebenta
 De tensão,
 Espera o futuro
 E o passado.

Um osso, meus amigos,
 Respira.

3.

Aquele sorriso era
 Uma premonição,
 E eu era o intérprete
 Dessa civilização movida
 Pelo sopro.

Eu desconfiava da profecia
 Da plenitude,
 Mas também renegava
 A degradação do futuro.

Aquele sorriso
 Era toda uma linguagem,
 E fazia meu futuro
 Se consumir ali mesmo.

4.

O meu contexto era o sal e o sargaço,
 O mundo microscópico
 Das crateras de um centímetro
 Das pedras dos arrecifes,
 E a poeira sustentada
 E íngreme das falésias
 Talhadas no calor
 E no calcário

O meu contexto era
 Uma luz tão intensa
 Que se tornava espessa
 Como o caldo da existência,
 Uma sopa viscosa
 De oxigênio claro
 E iodo escuro

Era uma terra despovoada
 Sem braços e sem cabeças
 Um pouco anterior
 Ao exercício da semelhança.

HÊ

Em oração, os braços levantados
para o céu, na cadência o sopro espiram.
Cravaram a navalha e suprimiram
a cabeça e o corpo ajoelhado.

Os olhos baixam do Inominado
e à direita e à esquerda o outro miram,
buscando a identidade a que aspiram:
em profano o orar é transformado.

O vertical agora é horizontal,
três traços paralelos numa haste
que selam o registro umbilical

da voz em solo grego: consoantes
e vogais costuradas em contraste
nas cirandas infindas das bacantes.

VIRGINIA WOOLF

As solas nas passadas desmancharam
os montes de cascalho das veredas
e a fim de que jamais na alameda
a trilha se apagasse das que amaram

e perdurasse imóvel sua passagem,
Virginia os recolheu e pôs no bolso:
“— Pedras e pesos, carreguem-me o torso
para o fundo das águas na voragem,

longe do facho do farol, anônima.
Os dedos leves pesem sobre o diário
p'ra que ninguém desvende o rosário

de meu prazer e dores mais secretos
e qual mata-borrão os meus segredos
se dissolvam no leito das anêmonas.”

O POÇO

No chão dos cinamomos despencando
miríades de flores redolentes
que a brisa em corrúpio ia levando
e macerando pela tarde quente.

Os passos afundavam na serragem
no pátio atapetado até o poço.
Então, como araponga, a engrenagem
das roldanas guinchava em seu esforço

e mal se equilibrando pelo gancho
o balde pendulava com seu peso
de água furtada aos seixos subterrâneos

para o resgate da luz indefesa
devolvida ao cárcere instantâneo:
a jarra de ágata antes do banho.

PURIM

Perfuma minha alcova, Esther,
foste escolhida entre as donzelas.
As mãos de um rei sobre tua pele
tornam-se servas e estremecem
a cada nova descoberta.

Perfuma minha noite, Esther,
ó escolhida entre as donzelas.
Em teu sorriso há um mistério
e nos portais de tua entrega
iluminado eu entro cego.

Espalha tua mirra, Esther,
ó preferida entre as donzelas.
Que os teus gemidos de gazela
esta fingida noite selem
e de prazer tornem eterna.

Teu nome chamarei, Esther,
entre as centenas de donzelas.
Deponho o reino aos teus pés,
Ao teu comando deixo o cetro
e do banquete fico à espera.

CARANGUEJOS DO CORAÇÃO

Caranguejos do coração
fazem vigília
ao amor feroz
que se esquia
na areia.

Escuta
o saber do corpo
sussurrando duras
indecências
perturba os músculos
antes silenciosos
ossos de folhas
flutuam
na leve incerteza
de saber que
tudo finda no
horizonte da areia.

DESPERTAR

Desperto deste sonho.
Agora
a manhã me deixa perplexo
com sua luz,
sobre a cabeceira recados e
folhas secas de um ramalhete
que antes continha uma única flor.
Em algum tempo muito muito atrás
num calendário que gritava de cores
esta flor palpitava de cheiro perfume
e qualquer uma das dores que seriam
possíveis
se escondiam prósperas de vergonha.
Mas a flor agora é apenas um indício
um precipício no qual rastejo carregando
estas bandejas de mágoas.
e sob este vento de fevereiro
os sentidos se desfazem
emudeço.

NOITE

Insetos da memória
voam loucamente
nesta noite
pousam nestas cartas
velhas e enferrujadas
sombrias das palavras
que já não quero guardar
arquiteturas ancestrais
dos olhares que já se fecharam.
(Esquecer é uma pedra dura de quebrar).

NAVEGAÇÃO

.
À beira da cama
te procuro entre profundos lençóis
anjo de carne e líquido
aprecio a honestidade
de teus dedos
entre os meus
martelando
rápidos desejos
navalhas da boca
se põem a farfalhar
e murmuramafiadas
os segredos que
roubamos para nos guiar

Vigília

Temendo ressuscitar
 enfeitei a casa.
 Lotes de incenso
 foram gastos.
 Em vão.
 O altar está deserto
 e a louca da casa
 ocupa pares de cômodos.
 Disseram-me “Parte”.
 No entanto,
 esse revestimento vivo
 contempla todos os meus 7 signos...
 Imagens acústicas
 debatem-se
 entre as paredes e a soleiras das janelas.
 Fazem ecos de dano
 na vidraça.
 Sem solução a transparência tende a ofuscar.

Agonia

No caminho
 senti vergonha
 de meus próprios dejetos.
 Por prudência retive o assombro.
 Pecados veniais
 não condizem
 com a alvura da fronha.
 Prescreveu-se,
 nos autos de minha condenação,
 que o exílio seria nessa mesma casa,
 sob a tutela da noite.
 Aproximei-me ao máximo,
 quando pude,
 das hospedeiras que vivem
 à espreita
 do meu centro.
 Aglutinam-se em recuos
 nas câmaras do fundo.
 Comportamento abusivo;
 Intencionalmente más.
 Se não intensifico o lacre
 retornam.
 Na vigilância perpétua
 me consumo
 e no calor da ameaça sinto notas de enxofre.
 Minha libertação
 coincide com o triunfo
 sobre a areia movediça.

Revelação

Tarde em abril.
 E o firmamento exaspera.
 Incontestes sinais.
 Pensei que fosse apenas
 um capricho do Outono
 fazendo prévia
 de um advir
 do qual não estaria sujeita.
 Fui pobre na interpretação.
 Querendo decifrar
 o enigmático
 desconsidere o evidente.
 Mas havia o derivado estético
 a acariciar-me as retinas!
 Não.
 Era suborno.
 Em minutos desdobrou-se
 sobre minha cabeça
 uma coreografia macabra.
 Nuvens oriundas
 das mais remotas trevas
 revestiram-se de ébria beleza.
 Suntuoso
 é o guarda-roupa do universo.
 Vi transformar-se
 o céu e o abril.
 E pensar que parecia ser só
 um quadro narcísico
 em sua fome
 de contemplação.
 O argumento
 era suficientemente forte
 mas não quis saber.
 Entreguei-me
 à sedução do cata-vento
 desatando cadeias de gratificação.
 Na bebedeira
 afugentei a consciência.
 Enquanto a realidade
 de lado
 lamentava
 a inadiável penúria.
 Febria na melodia poética
 deixava passar o texto
 que chegava
 na barca da ruína.
 E a noite arrebatou-me
 num derradeiro gozo
 até que
 o vento do mal soprou.
 Eu estava de saia.

I

Amo-te ao limite do pulso
 das vísceras
 Ó Salomão.
 Antes que fosse dia
 arranquei-me as entranhas.
 Ofereci em holocausto.
 Foram devolvidas.
 Havia vida em demasia.

IV

Passado e tempestade;
 fato consumado.
 Pago o tributo
 combinado
 devolvendo-te as argolas
 lavradas na lida
 aspergidas a gotas de ilusão.
 O veneno que escorro
 entre os dedos
 é tu
 reverso da osmose.

X

Quantas luas
 para chegar a ti?
 Inúmeros desvios
 e emboscadas
 ofuscam o caminho
 do teu templo.
 Florestas de labirintos
 predadores usando disfarce.
 Ao fim de cada prova
 uma charada.
 O corpo é um enigma
 refúgio de vertigens.
 Sobrevivi à travessia
 do fosso
 só para adorar Salomão.
 Chacais vazaram-me
 um olho
 no afã de raptar
 o que retinha.
 Violentei-me quando escureceu.
 Cheguei à tua porta.
 Última fronteira.
 Há barricadas
 em torno a ti.
 São abelhas bulímicas.
 Persistir é refazer o círculo.
 O espírito
 diz corda.

A VIDA SECRETA DA PALAVRA: PALAVRA

Estamos à procura da palavra perdida, da linguagem primeira, do balbucio de Eva, do vagido de Adão ao deixar de ser pó e areia, estamos à procura da palavra que veia o tempo, e serve de ligação ao sangue da comunicação expressa na linguagem.

Saio da terceira pessoa, estou à procura da palavra que abraça todas as causas, dessas palavras cavernas onde procuro abrigo, desse poema feito do grude de uma letra com outra, antes ainda, da imagem que tem a palavra antes de eu pronunciar a primeira sílaba. Tento me desfazer da palavra que sibila como cobra, algumas palavras são víboras, vêm na explosão do açoite da alma quando ferida no orgulho, vêm da má educação da calma em corresponder-se com o entulho. Tenho que domesticar as palavras, esses animais selvagens colocados sob minha guarda à base de focinheira e arreios, e calcular as que se

transformam em seda para que não rasguem na mão dos ouvidos alheios, porque nem toda palavra comunica o que a gente quer, tem palavra que engana, tem palavra que solidifica, tem palavra que como mulher se maquia, ou se “maqueia” como diria meu pai, que de acordo com minha memória inventada (toda memória é meio biográfica, meio fictícia) foi a primeira palavra que falei, e a segunda foi Dá, a terceira foi Sim, e a seguinte foi Sai. Tenho que colocar as palavras num cesto e tocar flauta para elas, encantá-las até ficar hipnotizado, dosar na hora em que as falo, porque a voz tem peso na interpretação: uma puta na mala pode ser apedrejo, vestida na flor pode ser o que almejo, a ditada na dor tem a ver com silêncio. Um palavreado na hora certa pode emergir no rosto em sorriso, ou pode ser siso inflamado se guiado na contra-mão. A palavra serve para a salvação tanto

quanto para o aniquilamento, a palavra é um tipo de cimento usado para aprisionar tanto quanto para perdoar, mas os mais sábios são aqueles que sabem descartar as que não têm medida: as que servem para ofender devolvam para as desprovidas de elegância.

A palavra é a pá que lava e lava a boca, é o que nos distingue dos bichos, não fosse isso, todo papagaio saberia escrever poemas. A palavra esconde a verdade, expõe a verdade, mas, afinal, o que é a verdade? Que cada um corresponda-se com a sua, diriam os filósofos de plantão, sempre chatos a questionar a ordem natural das coisas. Natural? Esta aí outra palavra. Coisa? Sentido muito amplo... Enfim, o que devemos não devermos é deixar de pagar nossa dívida com o universo divino: tirar a palavra do ser para fazer-se ver antes do cristalino, afinal, a palavra é uma verdade que escapa a todas as interrogações.

A VIDA SECRETA DAS PALAVRAS: O AMOR

Tem um tipo de amor que é afeito ao parque de diversões. Gosta de rompimentos que gerem confrontações e é um tanto egoísta: não tolera esse negócio de “dê asas e alcance a liberdade”! Quem declama o amor livre não conhece a sua carnificina. Não sabe que esse tipo de amor é barroco e gosta de brincar de claro-escuro, gosta de repetições e de engrenagens: Ele é autômato.

Amor também é quase uma sentença, se escrito em língua latina. Amor inglês é bonitinho, feito de coraçãozinho recortado com tesoura de picotar. O amor latino é assassino: mata ego e superego dos desavisados. Planta saudade antes do tempo. E olha que não se dá ao desfrute da rega e da adubação: a plantação é a seco e a colheita a unha.

Amor de criancinha é egocêntrico. É uma escrivinha com inscrições feitas com

objetos cortantes. A garatuja e o garrancho, o primeiro palavrão e o primeiro beijo, o chifre e a auréola ficam registrados. Gravado com um sabre o amor da criancinha é uma gracinha aos olhos das corujas.

Amor bom é o amor que não precisa de trocados. Está no beijo da mãe, no recado do pai: Não chegue tarde! Também está no trapézio onde se finge voar, está no ar, talvez, quando olhamos pra cima. Está no respirar fumaça e no tragar carvão. O amor está no pão repartido e na rima mal feita das cartas mal escritas. O amor bom está, geralmente, na desnecessidade do eu te amo para fazer-se entender.

O amor é um tigre. É silencioso, faminto, belo e selvagem. Nos possibilita criar imagens fantásticas e sucumbir ao lúdico pensando-se lúcido. Dizem que nos dá asas, inclusive

aos que sofrem de acrofobia. O problema é que a maioria sofre. Talvez por isso sejamos bípedes.

O amor é misericórdia. É um sol radiante de setembro no hemisfério norte. Por este aspecto é um corte na precisão da filosofia que dele nada explica, apenas o impõe outros conceitos e termos extraordinários que lhe subjagam a conjecturas.

Amor é o primeiro olhar, a primeira poesia. Gosta de brincar de dar susto. É o despertar. É encontrar a palavra-chave, e ter a porta. O amor é uma porta feita de quadro-negro, e sem apagador. Por trás das marcas lantejoulas, fica sempre a complexão de entender que ele faz fronteira com a dor num campo minado: aos desavisados Cuidado; aos impetuosos Respeito. O amor é o que ultrapassa. Por isso é necessário correr.

cartografia da cabeça de José

nada do céu caiu sobre a cabeça de José que tenha formado vales ou relevo para os rios correrem. nada aparece na cartografia (essa inspeção desenhada da pele do mundo) que explique a fonte desses rios tão arbitrários. mas todos que observam José daqui sabem que deles vieram os peixes para o aquário no quarto.

o criadouro do caramujo, esse existir controlado, todo dele; a casa da tinta do peixe espatifado.

: cartografia de símbolos e cores não padronizada.

: no mapa da mente, em espiral ou envidraçado, José faz filtragem de mundo-nítido — desenha uma utopia fria no rastro do mapa dos neurotransmissores.

mecânico espacial

um dia, José foi à praça de Paradoxo, olhou para o céu e viu um satélite que entonteceu.

correu para casa
vestiu roupa de astronauta
pegou as ferramentas
colocou o capacete

: ele, que não toma chimarrão, saberia fazer o satélite voltar para a órbita.

depois descobriu que aquilo era um helicóptero que uma pessoa vizinha alugou para fotografar a propriedade, lá, depois do ponto final de Paradoxo.

travessia de dias nublados

José, às vezes, fica manco — porque é complexo dar os passos assim, com uma carga de olhares sobre os ombros.

acontece que uma claridade difusa quase sempre paira sobre o lago da mini-hidrelétrica de José, uma luz de meia-idade que carrega ampolas de pesar. sem fósforo, condensa-se em pequenos fachos que desprezam o esforço do gerador. são a luz dos olhos das pessoas vizinhas.

: num primeiro momento, atrapalham o funcionamento do reservatório do hipocampo, enviando a sensação de diferença-desencaixe e a sentença de que há no mundo apenas a alegria da tristeza.

: logo depois se tornam insignificantes.

aí José anda equilibrado de novo.

anfitriã

Júlio fica na chuva, há tempo não é mais peso de porta. causa disso Dona Isaura trata todo mundo, muita cor, comida e guaraná barato.

Isaura é verbo impositivo. Isaura vê, espremendo os olhos bem fininhos à procura das coisas todas que existem para serem vistas. Isaura!, os olhos dela me disseram bem dentro dos meus. e exauri ali mesmo, com o pratinho descartável nas mãos, cheio de torta laranjada.

exaurir é verbo definitivo, bem dentrinho, que é para ninguém (todos simpáticos demais), tomar conhecimento: meu estado de espírito todo alvoroço morrendo de vontade de sexo em hora que não é boa — reunião de gentes felizes, ou quase. viro uma coisa bem pequena nessa hora, porque os olhos de Isaura me despem e eu peladíssima sobre o sofá quero livrar meus neurônios das vibrações premonitórias apegadas à pele.

outro trequinho de plástico me dá, cheio de meleca amarela de manga e sorvete. Isaura é mesmo o nome dela e combina muito com o Dona precedente, mas entende pouco que para engolir isso eu preciso de água.

lágrima de cotovelo

ela se divide em tipos com detalhes minuciosos de muitas mulheres. uma só, para um só. e em tantas se transforma, o tempo deixa. ele não entende que ela só sabe chorar pelos cotovelos e que é amor, mesmo assim — essa coisa que faz arder a compaixão que nasce com a gente. ela briga, diz nomes feios, morde, manda ele embora e depois diz “me morro toda sem você”. então jorra dela o amor, ao ouvir ele dizer que basta que ela o mande se foder num dia e lhe diga oi no outro.

Os icebergs de Deus

Há uma passagem no tempo
para onde a dor não nasceu.

Há uma escolta de flores
que faz lume no peito
e não fuzila
o zelo...
e não amedronta o elo,
feito martelo moído nas pontas
dos icebergs de Deus.

Há um caminho guardado
no fundo do que não finda;

Uma vinda, uma avenida ainda
para o sonho
no desabar das sombras...

Um bar, um mar, os ombros
sem carregar
o mundo.

Há um amigo e há um cão
que depois de onze anos
não morrerão
de eutanásia.

Há vidas e vidros
no interior
do inquebrável toldo etéreo...
de tudo faminto.

E os labirintos lotados.

exercícios mínimos para tigre

Um tigre recolhe agulhas
nas garras do dia.
Apura meus olhos para a paisagem:
cinge-os nos tecidos da calma
até o coma da passagem.

Ele não fere de falha
minha fuga
nem perdoa remendos
na espera.

Um tigre me acorda no pardo das horas
para o sacrifício do pasto exposto às feras.
Borda em meus pulsos
o bordô das veias
abertas em mapa.

E já não mata-me o tigre:
retira-me dos rios, da caça;
dos tiros sem causa,
das coisas sem voo, nem pouso...
de tudo o que não pausa.

Depois, cauteriza o pânico
próprio das presas.

Com sua beleza tântrica
embrulha a nervura
do quando.

Paisagem na Lagoa

O pescador,
na epígrafe da tarde,
se perde sob a geografia
das redes
em forma de grades.

Agradece aos escombros ensinados nas ilhas.

Recolhe gravuras de sol
para as bordas do barco.

Transfere o caminho ferido
para o centro do ventre

de uns cavalos-marinhos.

Adentra um mantra no vento.
Sozinho.

Valle del Chota

(Para Clovis Heberle)

Duas, três, quatro ou sete,
sabe-se lá, não existiam
registros;
digamos: de cinco a dez gerações
de quilombos
ali sobreviveram.
Consta que foram trazidos
pelos espanhóis no século XVII,
para suprir mão de obra escrava
nas fazendas de café,
ou, segundo variante republicana
difundida na região,
aí chegaram fugidos
das pegadas da escravidão;
arando pedra,
sulcando seco e arenoso solo,
é fato que nele plantaram a póvoa.
Resistiram ao sol, ao vale,
ao vento, ao deserto, à estrada,
ao império, à república;
no árido redil
daquela paisagem africana,
em pleno altiplano,
juntavam seus bois,
com aboios e varas delgadas
tangiam os animais
a beber tênue água
do rio Chota,
às margens do qual,
como plantas tropicais,
entre bananeiras tenazes,
aqui e ali foram brotando,
com suas eiras de café,
as choupanas de sapé.
Fala-se que encontraram
o lugar perfeito,
o rincão remoto,
quente como a África,
para plantar semente,
filhos criar,
livres do cativoiro,
longe das vacas da invernia
inóspita cordilheira.
Chota é bezerro, cria de cabra,
no *criol* falado no Senegal,
sugere como topônimo
algo totêmico, um lócus
de ritos ancestrais,
de devoções sacrificais;
parado no tempo,
mas cortado pela pan-americana,
confunde-se o lugarejo
com a cor polvorenta da terra,
ninguém dele se detém,
pois é ponto de passagem,
e é cansativa a viagem,
um longo percurso sentado,
dorme-se acordado, escuta-se
o tan tan do batuque,
no caminho de Tulcán.

Da linguagem ao acaso dos olhos

O disfarce da linguagem sórdida
é apenas sua penetração como pré-texto de amor

Da boca incansável que é o universo
— pétala revisitada de tempos em tempos pelo sol do leste —
a língua tece estilhaços de cetim
quando relembra as origens
dos diálogos redondos

Licor de fruta, sêmen e santidade imperfeita
são detentores da língua quando o assunto é o orgasmo
por meio da palavra e do sussurro

Meus olhos abertos —
provável que saltados em algum ponto no meio do inferno
atribuíram valor às flores-de-maio na lapela do demônio
e ao próprio demônio pelo fato de que orava em aramaico esperso

Contudo, queria mesmo era aprender persa,
porque esta língua me lembra os risos de Mohamed, Reza e Sarah
e porque esta língua me prende à ideia de gatos ancestrais
refletindo sóis na altura do corpo de suas imagens

Ontem os níveis d'água
elevaram-se como um assombro dos olhos,
as casas dos lugares mais afastados receberam o rio em seus cômodos
e os moradores jovens e adultos destes lugares passaram a falar apenas pela fadiga
de seus braços, na tentativa de salvar móveis, samambaias, violetas e animais perdidos

No dia em que me desacreditar da beleza de origami da linguagem
porei as córneas no jarro azul sobre a mesa
(sem esquecer de cobri-las de sal, cálcio oxidável e ferroso)
e viverei então na escuridão real para que assim possa reconsiderar

Aniversário de morte

as palavras perdem a esfera do dia em que estamos
creio que estais sabendo de uma nova citação para comemorar
lembra-te! não escondas as fatias de luz que agregam morte ao bolo

fazemos anos na lúcida minoridade
de quem ainda suspeita
sol nas olheiras
papel de seda que não se dobra
borboleta esvaindo-se em pó químico
moinhos que gelam águas que os cercam

minha felicidade embrulhada no estômago
entrego na dedicatória
penso que o querer está mais bonito sem confeitos
garfinhos de plástico espinham meu coração
na estrutura das décadas

pássaros comprimários ensaiam tons patéticos
formas inarticuladas da natureza comentam minha vida
esta em que resolvi ir da fala à voz
todos nós devemos ler a história das lágrimas de Cesário

eu vim para cantar
em agudo “com quem será?”
não confundas isto com servilidade
para não seres tão cardíaco na posse
triste lembrar daqueles que morrem em aniversários

aprendiz de jamais apagar velas longe do vento
na arribação
troquei tua vida pela metáfora
assim quebrei a abertura do silêncio

Origami autofágico

até que ponto você admite as metáforas
o lilás no azul de um resto de corpo
enxurrada que antecede o gozo?
o texto em seu início é como uma atitude moral
que andeja nas vilas sacras
na quadra do poema o tempo choca-se
na ignóbil matéria dos anos
e os palimpsestos
o menino potiguar passa raspando a saliva
na palavra de barro

no meio do absurdo de lavras em letras
fungos soam mudos
os fonemas pasmam
como se não houvesse simulacro de céus
frente ao amor do poeta

todos estamos condicionados àquele origami
que se exalta na pastagem desta cratera sem enredo
em que comungamos as semanas
pastagem que porém se multiplica nos filetes da lua

origami é metáfora que comove o dia
vontade de ação que intenciona a tese
de compensar o cosmos

pendura-se a dobradura
na corrente de vento
que se encontra no osso de umas poucas estrofes
o imo de minha autofagia
mas com a luz readaptada para a terra

no ponto final o texto desce
em sua porta
uma jornada perversa
e desponta no mundo
da fundação de Veneza
descoberta do *nylon*
até a rasura da tarde
na gôndola em que você se sonha
numa ação colimada
intimidar sombras

mar paradoxo [página 0]

filetes de situações breves e/ou longas, com ramificações em: monólogo, proposição, relato, verbete, anotação, desenho, lista

desjejum psico-sensitivo

(fascículo 1)

o vazio está bem nutrido e respira como um filhote curioso.
 isso ou osso sem premonição.
 sinopses e sinapses.
 nuvem desgrenhada.
 silêncio sinuoso.
 mar aberto/mar fechado.
 cada chão ou grão tem o seu humor: sólido, líquido ou gasoso.
 sem margem, sem imagem.
 a noite está acesa.
 íngua atrasada. teia de areia.
 ouvidos arregalados: uma nuvem pode dar a volta.
 água dura em pedra mole. migalha de sol na janela.
 leitura com algum olfato.
 cigarra arrastada. ruído sem ponto final.

perceber o mar sem a palavra mar

(fascículo 2)

sem sinal de pista.
 jejum que infla as pupilas e os tímpanos.
 pequena parede.
 tontura parada e um limite sem volta.
 súbito vulto de alguma procura.
 o vento está alto e com frestas.
 sono de sol sem limite.
 pausa que passa ou não passa rápido.
 ela está com a sub-voz plana.
 saída, cilada, salada.
 entre os meus ossos acontece um repouso.

cada vez que a escrita desliza, o ouvido afunda

(fascículo 3)

esse desenho do mar é arisco e dócil.
 engole qualquer exatidão.
 agora, a pele sussurra mais lenta.
 sol íngreme, sem planura.
 cinco passos sem chão.
 sol sem carne.
 o mar está fora daqui.
 o sol está dentro de casa.
 gato escovado. aço lânguido e lancinante.
 notícia no jornal: procura-se voluntários para tratamento de cicatrizes com ondas acústicas.

batom à prova de som.
 tédio acelerado. nervos sem flor e sem pele.
 estrada movimentada. faísca atrasada.
 couro cabeludo, ouro cabeludo.
 dois sofás de concreto, com repartições lacradas e com um punhado de terra dentro.
 o paraquedas pesa 15 kg (g. perec). um pé de alface pesa 15 g.
 trovoada se armando no céu. dia cru. página-lâmina.
 alguma escapatória, escafandro ou escápula de apoio? alguém aqui pode me responder?
 escuto essa mosca minúscula tentando achar a saída.
 ele responde, sem esperar uma pergunta clara: *imediatamente* (diamante imediato).
 paredes suadas em dias de frio podem ser um sinal de sono psico-arquitetônico.
 curva na estrada, curva na cabeça. acostamento com colchão ortopédico.
 noite sem sombra. corpo sem saída.
 cada montanha se emenda em outra montanha.
 uma nuvem começa nessa fresta, nessa faísca.
 devagar, o ouvido enche a página e a libélula escuta nossa conversa, como uma aranha-espiã ou uma parede.
 fim da estrada. pulso de capim. olho deserto.
 areia dentro do sapato.
 saliva sólida dentro da boca.
 algo com uma espessura plana se arrasta no ar.
 uma palavra pequena.
 nítida impressão de desmaio quando desço a ladeira com a escuta desligada.
 pele fosca. passos curtos, modo-espanador de pó.
 um final sem compasso. fôlego pedregoso.
 regar as plantas. abrir o dia com a luz da noite.
 o sal e a peneira no dia mais curto do mundo.
 breve pulso, micro-penumbras sem hora para acender. esse pássaro canta como um velotrol.
 hoje o sol está mais despedaçado do que o normal.
 alguma claridade ameaça a borda da calçada.
 gravar as frestas de areia ou partículas de ar pode ser uma vida paralela.
 olho quebrado abana o rabo.

ele sabia que o teu nome tem sabor de pergaminho
 &
 que todas as vezes que se apaixonou
 esteve perto de arar os ossos da terra,
 mesmo sem perder ou ganhar um ramo de acácias
 &
 A fotografia na carteira nunca passou de uma lembrança absurda
 &
 havia suor incrustado no desejo
 como se fosse uma identificação
 ou
 um bilhete de adeus
 &
 olhar para o mar
 ou
 para as lágrimas
 como um resumo simplório
 de uma parte de uma parte que não possui importância
 &
 os dedos entrelaçados na manhã ensolarada de dezembro,
 casal de namorados atravessando o parque
 &
 o deslumbramento é só um travelling emocional,
 infindável — como uma mentira
 &
 amor e intriga são sinônimos
 assim como um rosto que se esconde na névoa
 &
 teve aquele dia em que tudo foi desencontro
 exceto lábios, línguas, dentes, saliva
 &
 uma dor abissal precisa
 de um poema,
 ou de algo decantável:
 você brincando de esconde-esconde na floresta
 &
 todas as paixões se vestem de ausências
 &
 a imagem gravada na memória
 aquele momento
 em que a porta se abriu,
 a casa vazia,
 os móveis relatando o infortúnio
 &
 então,
 ele,
 na varanda,
 sentado na cadeira,
 construiu castelos de plástico,
 esperando pela fuga dos dias
 ou
 pelos rituais sagrados da noite
 &
 por você
 &

COMP(RO)
 SI(TUA)ÇÕES
 (IM)PRÓPRIAS

(RE)VENDO
 F(R)ICÇÕES

POEMA PARA SER LIDO EM VOZ ALTA

Ruas são rios — escorrendo pelo corpo da cidade.
 Ruas são rios — escondendo o corpo da cidade.
 Ruas são movimentos, barulhos, contrastes,
 cigarro, memórias, trabalho, medos, cerveja,
 pacotes, café, enganos, automóveis, música.
 Ruas são portas e janelas e cortinas. Ruas são
 formas de encobrir a cartografia da solidão e do
 desejo. Ruas são a escrita e a leitura, o sextante e
 a bússola, o leme e o velame, a água e o naufrágio.
 Ruas são lojas e olhares. Ruas são ofertas e apetites
 vendidos em suaves prestações mensais. Ruas são
 uma forma de brincar com mistérios insolúveis.
 Ruas são mil e uma aventuras (abismo e paraíso).
 Ruas são mulheres, dessas que prometem o céu e
 o inferno, dessas que cumprem o que prometem.
 Ruas são ilusões (alusões) urbanas. Ruas são os
 homens angustiados que procuram a felicidade
 e vivem com medo de encontrá-la. Ruas são
 rapsódias de amor, encantos reproduzidos na
 novela das sete. Ruas são equações algébricas, o
 som de passos, um ir e vir sem fim. Ruas são as
 astronômicas previsões astrológicas e o barulho
 da chuva. Ruas são vitrines, beijos de namorados,
 cartazes de cinema, latas de lixo. Ruas são ritmos,
 ritos, gritos, corpos, gargantas, línguas, dentes,
 silêncio. Ruas, minhas e tuas.

Fábula

Quem deixou a porta
aberta foi o anão
de Velásquez.

Antes de partir
ele narrou por
três vezes

a história do Dilúvio
sem pausa para res-
pirar. Com vinho

azedo ninguém sabe
interpretar
sonhos.

Macedônia

A ordem superior da cavalia
exalta a figura substantiva
e o colorido da tropa. Assim
a força regulada por fluente
elegância indica exaltação
viril e poesia. O mesmo ritmo
organiza a fala e dispõe
os corpos segundo as pro-
priedades de cada elemento.

Logo a fusão de todos os perfis
dentro do mesmo elmo
define a qualidade
do verso.

Meu quarto

Tenho duas camas que ocupo
sozinho e ao mesmo tempo.
Sob o dossel da primeira
escondo cabeça e tronco, longe
da ameaça do raio. Braços e pernas
dobradas exibio no outro leito.
Tenho dois ninhos para ocultar-me
nas noites de frio domingo,
sozinho e ao mesmo tempo.

Durmo calado e sombrio, sem
desejo nem tormento. E os anjos
que me protegem são
cópias de porcelana. Tenho

duas camas vizinhas
nas sombras do mesmo quarto.

Hera

Sobes, Hera infinita
ao redor da porta
indiferente

ao jardineiro.

Teu futuro antigo
nada teme.

Sobes, Hera sombria,
dura parede — como es-
crita no livro

dos sonhos.

Malabarista

Sou causa de escândalo.
Faço dançar globos
coloridos. Sei

trespassar sete
espadas no corpo as-
tral. Malabarista sou

comedor de fogo
próximo ao semáforo.

Flor da Paixão

Misteriosa flor tu não serias
Sem dolentes estigmas que
Nos inclinassem em perpétua
Reverência — ó capitosa

Reiteração de simbólicos tormentos
— sangrentos hematomas, espinhos
Pregos e martelo...

Tua corola, tuas pétalas
Flor dos martírios, passiflora,
São os mais sombrios
Atributos da beleza.

Cinco Dedicatórias para quem preciso**Para Alessandra Siedschlag**

Certa vez eu a vi em Copacabana. Estávamos os dois longe de casa.
Éramos crianças, crias mesmo desse deus que faz saudades.

Eu soube depois que o seu pai andou pelas ruas onde cresci.
Talvez ele tivesse estacionado um velho Aero Willis ao lado do velho DKW Vemagete de meu pai, na Rua Ministro Calógeras.

Talvez nós fôssemos tão parecidos e necessários à solidão quanto somos agora.

Depois nunca mais a vi, mas continuo olhando cães, tatuagens, gargalhadas,
além das dez lágrimas que me caem todos os dias.

Continuo achando que o relance vivido naquele dia no Rio de Janeiro se repetirá,
como se repetem as menstruações, as topadas, as freências alegres do corpo.

Para Emaxsuel Rodrigues

Quase ontem em mim.

Mostro os cabelos fracos,
os dedos,
o peito-musgo fazendo as vezes de muro.

Escondo o travor das mãos,
o tremor dos lábios,
as palavras contrárias fazendo as vezes de
poema.

Tenho os joelhos comovidos com a fé,
o sexo memorioso de antes de ontem,
o paladar amornado nos baixos de alguém.

Quase homem em mim.

Para Marco Vasques

Pareciam assustados.
Estavam — para sempre — presos num estranho retrato pintado a mão.

Eram onze.
Sóbrios demais para quem viveu num passado em constante desfago.

Havia mais uma, mas ela chegou atrasada para o retrato.
Ficou de fora feito nuvem que chega depois da chuva.
Feito peixe que escapa da tarrafa e vê seus irmãos serem sequestrados do mar.

A última deles, talvez se chamasse Inácia ou Luciana,
ficou para sempre presa fora da moldura.

Para Hilda Hilst

Vasculho túmulos. Não para roubar ossos, ou
as letras de metal das lápides, ou o mármore
das catacumbas. Vasculho túmulos para
ver se encontro a verdade das vidas antigas:
aquelas que vivi. Não sei por que fui castigado
com tal absurdo: o de não lembrar a mulher,
o rei, o serviçal, o soldado, a poeta estuprada
que fui nos dias de antes do meu nascimento.
Vasculho túmulos porque ouvi certa vez que
nos cemitérios é possível encontrar os portais
para o passado, ou as portas para Marduk.
Julgaram-me absurdo, herege. Devolvi todos
os xingamentos na mesma ordem. Tudo o que
interessa é minha procura: um dia encontro e
resgato o que fui. Um dia termino o castigo.

Para Simone Weil

Fluxo e fé
nesse inverno falho.

Falo dos anversos,
das contradições de Simone, a Weil.

A velha Simone
que despejou seus gritos em mim
durante toda a tarde.

A veia Simone
suja das poeiras do mundo
e cujo sono pouco vinha.

A vela Simone
em seu cárcere,
em suas cócegas diárias no infinito.

O QUE VOCÊ NÃO DISSE

“Esquecer é melhor do que lembrar” Osmir Camilo.

Você poderia ter olhado para trás antes de o motor ligar. Você poderia ter me dito mais, não me deixado esperar tanto. No entanto para onde olhou sempre foi o melhor. Me vestiu de doces. Me escondeu beijos. Assaltou meu coração cinza. Eu hoje poderia viver sem a sua lembrança. Seria tão bom. Mas estou fria.

Quem de nós dois engoliu a chave?

Qual é a porta?

No buraco da minha solidão o seu sorriso.

Que eu não quero mais ver, mas vejo.

Quando adentro a mata, a minha mata, você está lá.

Estas palavras vou deixar no para-brisa da sua vida.

Tente remover o que está embaçado. Traga seu guarda-chuva de poemas. Suas cores.

Coloco os pés no chão.

Você: uma imensa praia. Você: que nunca olha para trás. Você: a razão. E na imensidão da sua pintura um querer cheio de balões de festa, fantasias quentes que embelezam a vida.

Dono dos pergaminhos do belo. Tudo em ti é linha, grafite 0.1. Me inspira. Estou com o

remo na mão. Vou atravessar a correnteza. Você vem?

Estou com suas coisas aqui. Eu levo? Você me leva?

Como vou chegar até aí, até você?

Eu tenho certeza que você me ama.

Nu.

No meio do mar.

PEDRO

Pedro era vegetariano
Viu o avô comer peixe
Parecia bom, pediu bis.

Quando foi levado ao mar
surpreendeu-se
com o cardume enredado
que os pescadores arrastavam na praia

Eles vão desmorrer?
perguntou.

NAVE

Vida por favor,
pare o carro.

A música.

Mande arriar os portões!
Peça para tocar as trombetas!
Deixe um pássaro branco posar,
esteja atento somente a isso.

Abra a porta:
estou
descendo da nave.

VERMELHO

Ficar nua por dentro
vestir vermelho

cuidadosamente amarrar os cabelos
com pedras
conchas e fitas

raspar-se

Gueixa querendo pintura
corpo querendo curvas

eu nasci de uma mancha de sangue
púrpura derretida sobre barro

ferro derretido sobre terra

sobrevivo no fogo
latente
batendo

fervendo pelas crostas
passeando no redemoinho

caçando você:

maçã do amor
do vulcão.

a máquina / atrás / da parede
 perfurando medidas
 suas múltiplas arestas /
 seus líquidos
 diante do sol
 / o túnel das serpentes
 a passagem / as pedras arremessadas
 a máquina instala / enfim /
 o pânico provisório
 o último segundo
 as engrenagens / o sangue
 os tubos
 silêncio / o quadro pendurado
 no sábado pela manhã

ele fez o atlas e depois enlouqueceu

a sobrevida das sobrevivências: séculos
 empilhados no fundo rosa da colagem. aliás não
 fundo: só pastiche de mim camadas de vermelho
 bem diluído sobre o branco o branco o branco o
 branco impossível de desfazer.

o acaso vive programado
 para amanhecer depois das nove
 o acaso carrega teoremas
 assentes nos dentes das viúvas
 e dos funcionários de banco

o acaso se casa com seus temas
 em todos atordoos
 onde surpreende em dores
 lençóis brancos

sem pressa, o acaso tece
 amizades e carnês
 que não fazem nenhuma ideia
 das dobras que ressoam nas ressacas

o acaso vive de marés bravias
 de socos, de nomes, de tias
 de carteiras roubadas em becos
 afogadas, esquecidas

o acaso tem solados grossos
 e armas de inquisição
 e cachorros mal alimentados
 e lupanares gastos
 onde aproveitar a última liquidação

a ninfa, a mesma que carrega frutas dentro da pintura. a ninfa, a nenúfar,
 a de nenhum gosto, a puro movimento, aquela que põe ar dentro das
 manhãs. ela veio assim, em um palácio, em firenze, as estátuas com os
 dedos quebrados não indicam. ela veio assim, em roma, as estátuas de
 cabeças quebradas não indicam. ela veio assim, em Brasília, os passos
 voados dos carros não indicam. porque nada voa como o seu corpo,
 só flutua no momento dado, de braços abraçados em si mesma. a ninfa.
 não esta que é brasil, a que nunca se olhou no espelho. e é por isso que
 os ventos dormem e acordam com ela. sua presença é fogo, transparece a
 cada pequeno intervalo branco na jornada de falares e ouvires sempre tão
 afetados por nenhuma ninfa.

francis e a fuga

carrego a pedra de gelo, o paralelepípedo, quase todos os dias.
 só não sou sincera em momentos de diversão
 quando juntos
 difundimos os papéis, partilhamos as publicações,
 damos pulos no vácuo. durante o resto do tempo
 sou fria como linhas sobre linhas sobre linhas
 quase sem espaço em branco.
 são absurdos os abusos desses ângulos retos
 a levar pelas calçadas muito comportadamente.
 francis propõe a fuga pela frase: tudo
 é ensaio, e às vezes conduzir a nada
 é que é um algo.
 faço tanto e tento tudo
 justo
 porque os tornados me coabitam
 e não fujo

O menino-cadáver

A carroça de reciclados
vaza a cidade de líquido amniótico

— o menino-cadáver viaja
aos solavancos.

É corpo-acrobata
que demove a paisagem aerada.

É corpo que não avança.

É corpo de latinha de alumínio
que sofre dos rins.

Seres translúcidos

I

O ossário guarda
seres translúcidos
— corpos de chuva.

São cadáveres-amor,
cadáveres-gramática,
cadáveres-desejo.

A pele líquida é lençol
leitoso que cobre
o esqueleto na cama.

II

O relâmpago é notícia:
— brotam translúcidos
da terra silenciosa.

À tibia luz, esticam pés,
cabeças, pescoços, língua,
o teso corpo inteiro.

São translúcidos-céu,
translúcidos-húmus,
translúcidos-sonhos.

III

Os pés arbóreos
aprendem de coração
o caminho-solar.

As mãos lúcidas
moldam a língua.

A lábia herdou-se,
é dever ser, sibilo,
lábil epiderme.

Em busca do pai

Leonardo é franzino,
mas fala com voz de alto-falante.

Gosta de escarcéu, de nuvem
e de algodão doce.

O menino transita
como se cada estranho fosse o pai
que não tem.

Como se eu fosse sua família.
Como se você pudesse sê-la amanhã.

Ele vê no outro um íntimo.
Ninguém é raro. Tudo é alarido.
Cada indivíduo é promessa de pai.

Paisagem Urbana

I

O martelar incessante
cava o coração
até a fundura de cova.

O jardim de hemácias
está amarelado.

É tempo de desfolha.

— de esvaziar cômodos.
— de respirar chuva.
— de vencer no braço.

Nasce-se cansado,
também, por esforço.

Avança-se, ainda,
com o sinal escorregadio
de tinta vermelha.

II

A canga mói a nuca,
esfarela a penugem, escava a pele,
queima as artérias

— cicatriza o apetite.

O peso cresce até o estupor,
até o tabelião do inumano,
até o corpóreo exangue.

VAZIO
ZÃO

VAZIO
ZEN

VAZIO
ZIM

rio do pensamento
rio de pensamento

POEMIM

estou povoado de gente
uma cidade mora em mim

e foi esse povo todo
que me deixou assim

já não sei se todos me habitam
ou se só eu moro em mim

mas cada um do seu jeito
deixou marcas em mim

estou marcado pra sempre
eu sou o gado de mim

e esse rebanho hoje ausente
é o estrume de mim

repente de

eu estou cheio de música
e a música está cheia de ar

o ar que enche a música
faz a música inchar

– a música é uma enchente –

a música é uma maneira
do vazio se encheiar

suavizar o suave
que soa como
uma ave em
sua suavidade

só avisar o suave
que assoa como
uma nave em
sua navidade

avistar a só ave
que ressoa como
nova em
sua novaidade